

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA**

**ESTRATÉGIAS DE ARTE E EDUCAÇÃO NA SOCIALIZAÇÃO DE
ADOLESCENTES CARENTES**

MARIA DE LOURDES LEITE PAIVA

**FORTALEZA – CEARÁ
2005**

ESTRATÉGIAS DE ARTE E EDUCAÇÃO NA SOCIALIZAÇÃO DE
ADOLESCENTES CARENTES

MARIA DE LOURDES LEITE PAIVA

MONOGRAFIA SUBMETIDA À COORDENAÇÃO DO CURSO DE
ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA COMO REQUISITO PARCIAL PARA
OBTENÇÃO DO GRAU DE ESPECIALISTA PELA UNIVERSIDADE FEDERAL
DO CEARÁ.

FORTALEZA - 2005

Esta monografia foi submetida como parte dos requisitos necessários a obtenção do título de Especialista em Psicopedagogia pela Universidade Federal do Ceará e encontra-se à disposição dos interessados na Biblioteca Central da referida Universidade

A citação de qualquer trecho desta monografia é permitida, desde que seja feita de conformidade com as normas da ética científica.

Maria de Lourdes Leite Paiva

MONOGRAFIA APROVADA EM: ____/____/____

Profª Drª Gláucia Maria de Menezes Ferreira
Orientadora

Agradecimentos

Antes de tudo e todos, agradeço a Deus, que me impulsiona ao querer “saber mais”, dando-me inteligência, oportunidade e coragem para vencer mais uma etapa de vida.

Ao meu marido e filhos: Afrânio Jr., Renan e Yasmim, pela compreensão da ausência em alguns momentos.

Aos mestres e em especial a Professora e orientadora Gláucia Maria de Menezes Ferreira, pelo incentivo, paciência e dedicação na elaboração deste trabalho científico.

“A linguagem é o processo de transformar pensamentos em palavras, ela é a distinção fundamental entre o homem e os outros animais”

(D! Britto)

SUMÁRIO

RESUMO	07
INTRODUÇÃO	08

CAPÍTULO I

CONCEITUANDO ARTE E ARTE-EDUCAÇÃO..... 11

1. Evolução histórica de Arte-educação no Ensino Brasileiro 13
2. Legislação de Ensino e a Arte-educação 15

CAPÍTULO II

RELAÇÃO DA ARTE COM O PROCESSO DE APRENDIZAGEM 19

1. Conceituação de Aprendizagem. 20
2. Artesanato como Estratégia de Educação23
3. Música como Ferramenta de Motivação 25
4. Dança na Aprendizagem Psicomotora 28

CAPÍTULO III

AÇÃO DA ARTE NA PRÁTICA EDUCATIVA..... 30

1. As linguagens Artísticas.....30
2. As Artes Visuais como Produção Cultural e Histórico.....43
3. Orientações Didáticas e dos Alunos44
4. A Criação e Aprendizagem45

CAPÍTULO IV

INTERVENÇÃO DA ARTE NA PROMOÇÃO DA APRENDIZAGEM... 48

CONCLUSÃO	51
------------------------	-----------

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	52
---	-----------

RESUMO

Nestas últimas décadas do século XX e início do século XXI, os termos *educação através da arte e arte-educação* vêm-se incorporando ao vocabulário educacional. Ocupando um espaço equivalente ao da disciplina trabalhada no sistema formal de ensino brasileiro, desde 1971, com o nome educação artística. Num primeiro momento pode-se achar que essas abordagens são idênticas, apenas se diferenciando pela nomenclatura. Mas ao buscar as razões epistemológicas e concepções teóricas que as embasaram, verifica-se que compartilham apenas a mesma finalidade, ou seja, arte dentro do sistema educacional. A educação através da arte é, na verdade, um movimento educativo e cultural que busca a constituição de um ser humano completo, total dentro dos moldes do pensamento idealista e democrático. Valorizando o ser humano os aspectos intelectuais, morais e estéticos, procura despertar sua consciência individual, harmonizada ao grupo social ao qual pertence. Apesar de todos os esforços para o desenvolvimento de um ser artístico na escola, verifica-se que a arte – historicamente produzida e em produção pela humanidade - ainda não tem sido suficientemente ensinada e apreendida pela maioria das crianças e adolescentes brasileiros. Este documento monográfico discute o tema abordando a relação da arte com o processo de aprendizagem. Discute suas correlações com a produção em arte no campo educacional e psicossocial; circunscrevendo a ação das artes na prática educativa, destacando as linguagens artísticas e suas questões, relativas ao ensino e à aprendizagem. Aponta o uso da arte como estimulante do jovem adolescente na percepção, compreensão do mundo e relação social.

INTRODUÇÃO

A adolescência é um período de transição que vai dos 12 aos 20 anos, que acontece com o indivíduo, provocando transformações, mudanças corporais, constituição da personalidade, interação e ajuste ao meio, o conceito de si mesmo, curiosidade, relações sociais, reconhecimento da identidade e aceitação pelas pessoas, adultos ou companheiros que sejam significativos para ele. É este reconhecimento e aceitação o que lhe assegura um conceito positivo e si mesmo.

Palácios, (1995), fazendo uma leitura na perspectiva piagetiana, diz que a adolescência marca o acesso ao pensamento formal, um novo modo de pensamento que se caracteriza por entender, ao âmbito das idéias, principais e proposições abstratas, a lógica que a criança já tinha desenvolvido para dar razão ao fato e acontecimentos concretos e observáveis.

Observa-se, que atualmente os jovens carentes, precisam de uma motivação, impulso, na sua formação escolar e social, para que haja uma mudança na sua vida medíocre e sem muita perspectiva, oportunizando-os com experiências que aflorem o conhecimento, as energias, a motivação e o autoconceito, despertando o interesse pela trajetória escolar e por um objetivo.

Gardner, (1999, p.25), considera a causa de toda energia do adolescente como:

“A capacidade de tornarem-se envolvidos em tais movimentos parece ser um produto direto de duas resoluções cognitivas na adolescência”

A arte-educação após muitos debates e manifestações de educadores, passa a vigorar com área de conhecimento e trabalho com suas várias linguagens, tendo reconhecimento de sua importância na atual Legislação Educacional brasileira.

Trabalhando com arte no ensino-aprendizagem, destacam-se os aspectos essenciais da criação e percepção estética dos alunos e a maneira de tratar a apropriação de conteúdos imprescindíveis para cultura do cidadão contemporâneo. Oportunizando a aprendizagem de arte, dentro e fora da escola, mobilizando a expressão e a comunicação pessoal e ampliando a formação

do estudante como cidadão, principalmente por intensificar as relações dos indivíduos tanto com seu mundo interior como o exterior.

Dentro do uso da arte-educação o artesanato é uma estratégia por excelência, pois as atividades artesanais funcionam como cultura de subsistência, levando o aluno a ajudar na melhoria das condições de vida de sua família.

A música como ferramenta de motivação, permite estabelecer em sala de aula, um bom relacionamento entre os educandos desde cedo, o senso de responsabilidade, cooperação e respeito pelo outro, visando oportunizar o verdadeiro sentido da comunicação dentro dos grandes valores humanos que englobam a autêntica comunicação.

No trabalho psicomotor, a dança desenvolve a compreensão da estrutura e o funcionamento do corpo e os elementos que compõe o seu movimento, com esses critérios avalia se o aluno reconhece o funcionamento do seu corpo no movimento, se demonstra segurança ao movimentar-se, se interage com os colegas respeitando as qualidades individuais de movimento, cooperando com aqueles que têm dificuldades.

Produzindo cultura com as artes visuais, os alunos passam por um conjunto amplo de experiências de aprendizagem e criação, articulando percepção, imaginação, sensibilidade, conhecimento e produção artística pessoal e grupal.

O objetivo dessa pesquisa, é mostrar a importância da intervenção da arte no processo ensino-aprendizagem para jovens carentes, com a promoção da socialização através de articulações a teoria à prática artística, tanto fazendo a discussão sobre a função estética da educação quanto possibilitando experiência com as várias linguagens artísticas, integrando-as de maneira social.

Essa pesquisa foi baseada na fundamentação teórica de vários autores como: Gardner, (1999) / (1997), Vygotsky, (1991^a), Parâmetros Curriculares Nacionais, (1998) / (1999) / (2000), Sousa, (1983), Piaget, (1955), Bee, (2003), dentre outros, que muito contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho científico.

Essa monografia foi dividida em quatro capítulos. O primeiro capítulo conceitua a arte e arte-educação, priorizando o homem, o seu potencial natural, a partir da natureza humana. Relata a evolução histórica de arte-educação no ensino brasileiro, com trajetória repleta de altos e baixos, desvalorização, lutas, reivindicações, reconhecimento e “vitória” na Legislação do Ensino Brasileiro.

O segundo capítulo relata a relação do processo ensino-aprendizagem com a arte, sua metodologia, as estratégias, motivação, e aprendizagem psicomotora.

O terceiro capítulo mostra a ação da arte na prática educativa por meio das linguagens artísticas. As artes visuais como produção cultural e histórica, orientações didáticas dos professores para os alunos, criação e aprendizagem.

O quarto capítulo fala da importância da intervenção da arte na promoção da aprendizagem.

É importante que reflita-se sobre a arte-educação como ação direta no comportamento do jovem.

CAPÍTULO I

CONCEITUANDO ARTE E ARTE-EDUCAÇÃO

Conceitua-se como **arte** tudo aquilo que o homem realiza baseado no seu potencial natural, a partir da natureza humana. É algo que o homem já tem dentro de si e extravasa, através dos sentimentos da percepção, da cognição, já a **educação** é a transformação de algo que já se tem para algo melhor. Encaminhar, num sentido de crescimento, o potencial humano de dentro para fora e a **arte – educação** é a harmonia de todas as dimensões do homem. A descoberta da arte no processo educativo resulta de um descortinar de horizontes mais amplos e mais abertos à lucidez. Tudo na vida pode ser arte desde que se caracterize como um ato de criação, de gratuidade, de prazer e de liberdade. Arte e educação se conjugados, se propõem a desenvolver os processos mentais: o desenvolvimento da percepção e imaginação através de uma sensibilidade para o mundo real, exterior; desenvolver a força que lhe permite novas respostas a essa realidade, na mutação e até transformação dos valores e das descobertas. A Arte como a Educação não têm respostas prontas: elas colocam o artista diante das possibilidades sem limitações. Os símbolos da beleza são recebidos por cada ser humano dependendo do grau de sensibilidade, com a carga de plenitude que a sensibilidade pode receber. Uma concepção global da Educação Artística se traduz por uma pedagogia em que os diversos tipos de expressões se interagem entre si. Assim, as expressões corporal, poética, vocal, instrumental, coreográfica e plástica são relacionadas uma com a outra, se provocam, se dependem, se somam continuamente e se identificam, fazendo prevalecer a vida numa forma mais alta de espiritualidade. Todas se completam e abrem o espírito para novas dimensões do real.

Para muitos a vida é bem mais pobre por falta de sensibilidade para o mundo real e exterior e principalmente por falta de abertura para a descoberta dos valores reais dentro de si.

A Arte na educação não consiste na imposição de uma personalidade, de um modo de ser, de sentir, de ver, de fazer, mas sim num ato de harmonizar, sistematizar, e combinar tudo o que há no universo, numa harmonia total, “onde cada coisa encontra sua função, como os sons numa

sinfonia, as cores num quadro, os gestos numa dança”. (VII Congresso Brasileiro de Orientação Educacional 1986).

O Processo Arte-educação está em todos nós. Daí não ser responsabilidade apenas do educador, a criação de espaços para a livre expressão. A liberdade será sempre um direito de todos e o educador, como adepto dessa liberdade, deve introduzir a criança nas tantas linguagens da manifestação artística, consciente de que, encaminhado-a nesse processo, concorre para realização da sua infância. E assim, alcançará ele maior conquista: educar para a vida, na plenitude de sua beleza e verdade.

Recorrendo-se à história da humanidade veremos que a arte esteve sempre presente em praticamente todas as formações culturais.

A educação junto à arte proporciona o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética; a criança desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação, tanto quando realiza a arte, quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN,s) publicados em 2000, ao conhecer a arte de outras culturas, o aluno poderá compreender a relatividade dos valores que se encontram arraigados nos modos de pensar e agir, que pode criar um campo de sentido para valorização do que lhe é próprio e favorece abertura à riqueza e à diversidade da imaginação e criatividade do homem.

Quatro papéis são envolvidos no processo que determina na produção e compreensão artística. São eles o artista ou criador, o membro da audiência, o intérprete e o crítico.

O criador ou artista é o indivíduo que obteve habilidade suficiente para transmitir através da criação de um objeto simbólico. O artista exprime na arte o seu inconsciente, ele transcende pela imaginação e passa para a platéia, o outro, sua alegria, seu sofrimento, suas angústias, suas aspirações.

Gardner (1997, p. 49), caracteriza o membro de audiência à:

“... alguém cuja vida de sentimento é afetada quando ele encontra um trabalho de arte (...) Seu principal objetivo é seguir (ou “ler”) a comunicação simbólica de modo de sentir algum tipo de emoção, experienciar sentimentos de prazer, abertura, equilíbrio, renovação, penetração ou *pathos*”.

A tarefa do crítico é periciar a arte, ele faz comentário, discriminações a respeito dos trabalhos em discussões. Nessa tarefa ele é auxiliado por suas reações subjetivas e seu conhecimento prévio.

O último participante do processo artístico é o intérprete que tem a função de transmitir um trabalho criado por um artista para uma audiência mais ampla. Ele normalmente domina o trabalho através da leitura das prescrições ou notações do artista ou através do estudo intensivo do desempenho de uma outra pessoa.

1. Evolução Histórica de Arte-educação no Ensino Brasileiro

Educação Artística até 1930 não tinha amparo legal. A música era incluída no currículo de algumas unidades escolares conforme seus próprios critérios. O Decreto – Lei nº 19.890, de 18 de abril de 1931, tornou o canto e a música disciplinas obrigatórias em todas as escolas do território nacional. O estudo do canto orfeônico nas quatro séries do curso ginásial (hoje Ensino Fundamental. II), tornou-se obrigatório em 1939 com o advento da Reforma Campanema. As normas dessa matéria estão contidas na Portaria Ministerial nº. 300 de 7 de maio de 1946. A aludida Portaria dispõe sobre currículos, programas, avaliações, objetivos e demais recursos metodológicos do canto orfeônico. Essa expressão foi substituída por Iniciação Artística, com a homologação da Lei nº. 4.024/61 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

A Lei nº 5.692/71 em seu artigo 7º, conceitua a expressão Educação Artística e assinala a obrigatoriedade do seu ensino no 1º e 2º graus. Assim sendo, a Educação Artística passou a integrar o currículo pleno, fazendo parte do núcleo comum, no âmbito da Educação geral.

De conformidade com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN,s) publicados em 1998, ao longo do século XX, as escolas do Ensino Médio do Brasil, tiveram pouco conhecimento de arte pelos alunos, embora haja exceções, muitos alunos, incluindo jovens e adultos, estudantes do Ensino Médio, não tiveram oportunidade de conhecer mais sobre música, artes visuais, dança e teatro, principalmente como linguagem e código.

Olhando atentamente a nossa história de Ensino aprendizagem de artes na Escola, nota-se um certo desprezo de vários educadores e organizadores de escolas, à compreensão da arte como conhecimento humano sensível – cognitivo, com o propósito de um fazer e apreciar artísticos e estéticos, proporcionando uma reflexão sobre a sua história e contextos social. Isso

fragilizou e interferiu na qualidade da disciplina Arte no mesmo nível de igualdade com as demais disciplinas do currículo escolar.

Vale salientar, apesar de descontínuas e insatisfatórias quanto a peculiaridades artísticas, existem tentativas para melhoria de aplicação educativa de arte em escolas médias brasileiras.

Houve um avanço da arte nas últimas décadas do século XX. Nas artes visuais/ plásticas, a existência de cursos para jovens sobre a História da Arte superando-se as supremacias do Desenho Geométrico, Desenho Técnico, Geometria Descritiva, Desenho pedagógico (este em escolas normais ou de segundo grau – magistério). Com relação ao ensino da música que predominava o Canto orfeônico, na década de 60 houve um movimento para os trabalhos na escola de Educação Musical, na década de 70, uma “Habilitação Profissional de Técnico Musical”. Sobre o ensino da dança quase não há nada, a não ser quando está integrado a programas de Artes Cênicas ou até mesmo Educação Física. No teatro, sabe-se da prática de arte dramática realizada e ampliada por jovens de algumas escolas. E em artes audiovisuais, há poucas práticas de produção de cinema de animação com adolescentes.

Em 1971, apesar dessas iniciativas, no período de vigência da Lei nº 5.692 que reformou o ensino de 1º e 2º Graus no Brasil, a arte passa a ser tratada como experiência de sensibilização e como conhecimento genérico, incoerentemente, é desvalorizada como conhecimento humano, histórico e importante na educação escolar, motivo esse causado por meras proposições de atividades artísticas, desconectadas de um projeto coletivo de educação escolar e os professores que deveriam atender a todas as linguagens artísticas (mesmo aquelas para as quais não se formaram), tornando-se prática polivalente, não se preocupando de sua capacitação e aprimoramento profissional.

Este retrato alarga-se pelas décadas de 80 e 90 do século XX, a ponto de muitas escolas brasileiras de Ensino Médio mostrarem práticas restringidas e quase alheias de um ensino e aprendizagem do conhecimento da arte propriamente dita. Só a partir de 1982, que as Associações de Arte – Educadores em vários Estados do Brasil, formadas por professores licenciados, educadores e artistas atuando em artes plásticas, música, teatro e dança, organizam-se para debates sobre a superação dos problemas, ausências e distorções que dificultam o ensino aprendizagem de arte. Essa época influenciou outro fator de mudança, os novos posicionamentos sobre o ensino e a aprendizagem de arte, em direcionamentos e fundamentações que alicerçaram programas de pós-graduação em arte – educação e a espalhar-se

no país a partir da década de 80, sendo precursora a Universidade de São Paulo.

Em 1987 é criada a Federação Nacional dos Arte - Educadores do Brasil – FAEB, que junta com as Universidades começou-se a organizar Congressos Nacionais e Internacionais sobre Arte e Educação, e discutir questões sobre cursos de Arte, nas diversas linguagens artísticas, da pré-escola até a Universidade, incluindo a formação de profissionais educadores que trabalham com Arte (licenciados, pedagogos, coordenadores de escolas e de professores de Arte, alunos de Ensino Médio-Magistério), Com muita luta desse grupo, a Arte tornou-se presente nos currículos das escolas de Educação Básica no Brasil fazendo parte da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996, Lei nº. 9.394/ 96 (Artigo 26, parágrafo 2º), revogando-se as disposições anteriores e assim a arte é considerada obrigatória na Educação Básica: “O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da Escola Básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos”.

Compondo a área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias na escola média a arte é considerada particularmente pelos pontos de vista estéticos e de comunicações. É por meio da Arte que manifestamos significados, sensibilidades, maneiras de criar e comunicar referente ao mundo, da natureza e da cultura. Acontecimento esse ocorrido com a humanidade ao decorrer da história.

Indo por essa linha de pensamento, pode-se concluir claramente que é fundamental a existência da disciplina de arte nas escolas, para que os alunos possam dar continuidade aos conhecimentos práticos e teóricos sobre arte, aprendidos e apreendidos em sistemas anteriores da escola básica e em sua vida cotidiana e assim ampliarão saberes sobre produção, apreciação e história manifestada em música, artes visuais, dança, teatro e também artes audiovisuais.

2. Legislação de Ensino e a Arte-educação

Como vimos à evolução da história da arte no item anterior, constatamos a marginalidade da arte como disciplina, matéria nos currículos tidos como os mais “nobres”, para os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), isso acontece pelo desconhecimento pedagógico, de trabalhos relativos a imagem, som, movimento e percepção estética como fontes de conhecimentos. No final da década de 60 eram raros os cursos de formação de professores nesse campo, e como consequência professores de quaisquer matérias, artistas e

peças que haviam feitos cursos de belas artes, artes dramáticas, conservatórios etc. poderiam ensinar as disciplinas de Desenho, Desenho Geométrico, Artes Plásticas, Música e Arte Dramática.

No ano de 1971, a arte é incluída no currículo escolar pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, e intitulada de Educação Artística, mas não considerada disciplina, e sim “uma atividade educativa”, tratando o conhecimento de maneira indefinida.

A introdução da Educação Artística no currículo escolar, a princípio um avanço de aspecto legal para a prática e compreensão da arte na formação dos indivíduos, mas contraditório e paradoxal no seu resultado proposto. Pois, muitos professores não estavam habilitados e nem preparados para exercerem domínios de várias linguagens (Artes Plásticas, Educação Musical, Artes Cênicas, etc.).

Nos anos 70 e 80, os professores de artes plásticas, desenho, música, arte industrial, artes cênicas e os recém-formados em Educação Artística, tornam-se responsáveis pela educação dos alunos nas escolas de ensino fundamental, em todas as linguagens artísticas, configurando-os em professores polivalentes em artes. Com isso houve um declínio na qualidade do ensino de arte, os professores não conseguiram dominar as variações artísticas, pois a polivalência prejudicava a especialidade fragmentada nos programas curriculares. A implantação dessa disciplina ampliou o espaço para, e de contra partida percebeu-se ao mesmo tempo em que a sistematização da educação enfrentava dificuldades de base com relação à práxis (teoria e prática) em arte e aprendizagem desse conhecimento.

Logo nos primeiros anos da introdução a Educação Artística, os professores foram capacitados em cursos de pouca duração, e tinham que seguir as regras dos documentos oficiais (Guias Curriculares), como única alternativa. As faculdades da época não estavam equipadas adequadamente para oferecer uma formação sólida, faculdades essas que foram criadas apenas com o intuito de cobrir o mercado na época aberto pela lei.

Na década de 70, a respeito da arte no que tange a aprendizagem, as decisões curriculares do início do século XX, foram mantidas, enfatizando alguns aspectos de aprendizagem, sendo privilegiado concomitantemente a reprodução de modelos e técnicas de aprendizagem, o plano expressivo e processual dos alunos e a execução de tarefas pré-fixadas e distribuídas em elaborações desvinculadas da realidade da escola e do aluno, promovendo a sobrepujança do conhecimento profundo de cada modalidade artística, das

articulações entre elas e artistas, objetivos de arte e suas histórias, não fazendo parte das decisões curriculares que na época regiam a prática educativa em arte.

Na década de 80, formou-se o movimento de professores de arte, a princípio com o intuito de conscientizar e incorporar os professores, provindo na mobilização de grupos de educadores, tanto da educação formal como da informal.

Esse movimento denominou-se arte-educação que admitiu a ampliação de discussões sobre o compromisso, a valorização e o aprimoramento do professor, multiplicando pelos pais novas idéias como: mudanças de concepções e atuação na arte, difundidas através dos encontros e eventos promovidos por universidades, associações de arte-educadores, entidades públicas e particulares.

No ano de 1998, iniciaram as discussões sobre a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, com a promulgação da Constituição, sancionada apenas em 20 de dezembro de 1996.

Nessa época houve grandes manifestações e protestos de infinitos educadores contrários a uma das versões da referida Lei que retirava a obrigatoriedade da área.

Com a Lei nº 9.394/ 96, revogam-se as disposições anteriores e a arte é considerada obrigatória na educação básica. “O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos” (artigo 26, parágrafo 2º).

Nos anos 80 e 90, com a mobilização de diferentes tendências curriculares em arte, desenvolveu-se muitas pesquisas, destacou-se as que investigaram os modo de aprender dos artistas, das crianças e dos jovens. Resultando em trabalhos importantes para as propostas pedagógicas, considerando tanto os conteúdos a serem ensinados quanto os processos de aprendizagem dos alunos.

Ao longo da história do ensino de arte, as escolas brasileiras integraram-se às suas práticas as tendências ocorridas em outras partes do mundo. Na transição para o século XXI, o Brasil disseminou várias propostas, a destacar aquelas que se firmaram pela apreensão e envolvimento de ações que, com

toda certeza, estavam interferido na melhoria da aprendizagem e do ensino de arte.

Para os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN,s) publicados em 1998 :

“É característica desse novo marco curricular à reivindicação de designar a área por arte (e não mais por Educação Artística) e de incluí-la na estrutura curricular com área com conteúdos próprios ligados à cultura artística, e não apenas como atividade”.

Observa-se um enorme descompasso nas nossas escolas públicas entre os gestores e professores de outras áreas com os professores de artes e / ou educação física qualificados para esta prática, no desenvolvimento do trabalho, quando há um bom desempenho diferenciando este profissional, proporcionando um leque de dificuldades, decependo assim todas as possibilidades do desempenho da ação, frustrando e indignando não só o arte educador, educador físico como o aluno e a escola.

Essas e outras observações desse tipo dão-nos a idéia exata do quanto se está longe daquele ideal de educação através da arte, onde o objetivo principal é o trabalho inventivo e criador nas escolas, sendo um recurso facilitador para o processo ensino-aprendizagem e um recurso para auxiliar o educador em sua ação pedagógica.

CAPÍTULO II

RELAÇÃO DA ARTE COM O PROCESSO DE APRENDIZAGEM

Nos últimos tempos nota-se uma enorme discussão sobre o processo de ensino–aprendizagem e a arte.

Aprendizagem é o método pelo qual consiste estabelecer conexões entre certos estímulos e determinadas respostas, objetivando aumentar a adaptação do aprendente.

A arte considera como ajuda ao processo de aprendizagem, verifica-se uma concomitância e fundamental chave que possibilita o aprofundamento em sua caracterização e delimitação do ajuste dessa ajuda ao processo construtivo realizado pelo o aluno como traço distinto do ensino eficaz, pois a arte é tudo aquilo que o homem realiza baseado no seu potencial natural, a partir da natureza humana, algo que o homem já tem dentro de si e extravasa, através do sentimento da percepção e da cognição.

Nem sempre o ensino da arte está ligado necessariamente à aprendizagem. Ensina-se a arte, mas somente em algumas vezes, aprende-se. Portanto, o professor parte das vivências pertinentes à realidade e necessidade do aluno, tem maiores chances de ensino de artes e aprendizagem com sucesso.

Gardner, (1977, p.309), caracteriza as operações formais de arte como:

“... de pouca consequência no processo artístico, a não ser para o crítico. (...) Os pré-adolescentes criticam incessantemente os próprios trabalhos de arte. No entanto, esse tipo de pensamento e raciocínio parece mais característico dos adolescentes e, na verdade, a capacidade de examinar continuamente os próprios processos de pensamento e de lidar com o pensamento proporcional pode basear-se em certas mudanças neurológicas, que ocorrem no início da puberdade (talvez aliada àquelas que atrapalham a aprendizagem da linguagem)”.

Ensinar a partir da realidade concreta é associar a disciplina à realidade do aluno, onde a pobreza e a violência são a constante na convivência familiar e social.

Elias (1997), fazendo uma leitura na perspectiva gardneriana, diz que não deve haver separação, fragmentação, entre aprendizagens do meio escolar e a realidade. Visando compreender o pensamento do aluno, ligado a seus próprios interesses, dessa forma, o professor estimula tendências instintivas e conseqüentemente, leva-o ao desenvolvimento intelectual e moral.

Ao proporcionar ao aluno a abertura para se organizar e, assim, obter produtividade, o professor aproxima a escola da vida. As atividades, o desejo de conhecer e a expressão caminham juntos, são interligados e interdependentes.

1. Conceituação de Aprendizagem

“É o processo pelo qual o indivíduo adquire informações, habilidades, atitudes, valores etc. a partir de seu contexto com a realidade, o meio ambiente, as outras pessoas”.(Vygotsky , 1991a. p. 101) .

Estudos afirmam que o termo de aprendizagem de Vygotsky, é definido por aprendizado para que o conceito tenha um significado mais abrangente, sempre envolvendo o interação social, para melhor auxiliar o leitor.

Negrine (1994), diz que o conceito de aprendizagem significativa pode ser um instrumento de grande valor para análise e reflexão psicopedagógicas, pois o professor exerce extrema importância, principalmente quando utilizada como ferramentas de trabalho e motivação a comunicação na tarefa docente.

Sawrey & Telford (1979), consideram que a aprendizagem são mudanças aprendidas do comportamento referentemente permanentes que não podem ser atribuídas à maturação, lesões ou alterações fisiológicas do organismo, nos que resultam da experiência.

Para Gagné (1974), a aprendizagem é uma modificação na vocação ou na capacidade do homem, modificação essa que pode ser invalidada e que não pode ser simplesmente atribuída ao processo de crescimento.

Segundo Piletti (1991), das definições de Gagné (1974) e Sawrey & Telford (1979), podemos tirar duas conclusões principais:

1ª) **Aprendizagem é mudança de comportamento.** Isto é: quando repetimos comportamentos já realizados anteriormente, não estamos aprendendo. Só existe aprendizagem se houver uma mudança no comportamento.

2ª) **Aprendizagem é mudança de comportamento resultante da experiência.** Quase todos os nossos comportamentos são aprendidos, mas não todos. Existem comportamentos que resultam da maturação ou do crescimento de nosso organismo e por isso, não constituem aprendizagem: respiração, digestão, salivação.

Sendo assim, estamos concomitantemente aprendendo novos comportamentos ou modificações de comportamentos. Aprendemos em todos os lugares, tanto na escola como fora dela. Aprendemos de forma sistemática, organizada, mas, também, de forma assistemática.

Para a realização do processo de aprendizagem são necessários três elementos principais:

1º) **Situação estimuladora:** é a soma dos fatores que estimulam os órgãos dos sentidos da pessoa que aprende. Se tiver apenas um fator, este recebe o nome de **estímulo**.

2º) **Pessoa que aprende:** é o indivíduo afetado pela situação estimuladora. Para a aprendizagem, são importantes os órgãos dos sentidos, atingidos pela situação estimuladora: (sistema nervoso central, que interpreta a situação estimuladora e ordena a ação; e os músculos, que executam a ação).

3º) **Resposta:** são as ações resultantes da estimulação e da atividade nervosa. Quando a pessoa ouve o seu nome, a pessoa responde: O que foi? Diante da ordem, a pessoa obedece e senta-se. Casos esses de comportamento aprendidos anteriormente.

De acordo com Mouly (1973), o processo de aprendizagem compreende sete etapas:

1. **Motivação.** Sem motivação, não existe aprendizagem. Não adianta insistir: mesmo que o professor se esforce para ensinar matemática de várias maneiras interessantes, se o aluno não tiver motivado ele não aprende.

2. Recompensas e punições, também não resolvem se o aluno não quiser aprender.

Segundo Neill (1968. p. 355):

“ Acho que eu também conseguiria aprender de cor o Corão, se me espancassem para isso. Haveria um resultado, naturalmente: eu detestaria para sempre o Corão, o espancador e a mim mesmo “.

3. **Objetivo.** Qualquer pessoa motivada direciona seu comportamento para objetivos que possam satisfazer suas necessidades. O comportamento é sempre intencional, isto é, direcionado para um objetivo que satisfaça alguma necessidade do indivíduo. Na Educação, é muito importante que os objetivos propostos pela escola e professores sejam os mesmos do aluno.
4. **Preparação e prontidão.** A preparação, ou prontidão compreende três fatores principais: **fatores fisiológicos** (maturação dos órgãos dos sentidos, do sistema nervoso central, dos músculos, das glândulas, etc.); **fatores psicológicos** (motivação adequada; autoconceito positivo, isto é, confiança em sua capacidade de aprender; ausência de conflitos emocionais perturbadores etc.); **experiências anteriores** (qualquer aprendizagem depende de informações, habilidades e conceitos aprendidos anteriormente).
5. **Obstáculo.** É preciso haver necessidade de aprendizagem. Os obstáculos podem ser de três maneiras: de natureza **social** (a mãe que proíbe o filho de andar de bicicleta, o baixo salário que dificulta a compra de algum objeto necessário, etc.), **psicológica** (a criança que está dividida entre brincar e estudar), ou **física** (o doce que está na prateleira muita alta, a distância a ser vencida numa corrida etc.) Outros obstáculos podem ser de natureza pessoal: a baixa estatura para um indivíduo que quer jogar basquete, deficiências físicas oriundas de acidentes, etc.
6. **Resposta.** O indivíduo age de acordo com sua interpretação da situação, tentando achar a melhor maneira de vencer o obstáculo.
7. **Reforço.** Quando a pessoa tenta superar o obstáculo até conseguir, a resposta leva à satisfação da necessidade é reforçada e, futuramente, em situações iguais, tente a ser repetida,
8. **Generalização.** Consiste em integrar a resposta correta ao repertório de conhecimentos, permitindo que o indivíduo dê a mesma resposta que

obteve êxito diante de situações semelhantes. A nova aprendizagem é apreendida pelo indivíduo, que vai utilizá-la sempre que for preciso.

Segundo Gagné (1974), existem oito tipos de aprendizagem:

1. **aprendizagem de sinais** (associação de estímulos);
2. **aprendizagem estímulo-resposta** (cadeia estímulo-resposta-reforço);
3. **cadeias motoras** (várias cadeias motoras estímulo-resposta-reforço seguidas, numa determinada ordem);
4. **cadeias verbais** (várias associações de palavras, como frases, poesias, sinônimos, etc.);
5. **aprendizagem de discriminação** (dar respostas diferentes a estímulos semelhantes);
6. **aprendizagem de conceitos** (dar a mesma resposta a estímulos diferentes em vários aspectos);
7. **aprendizagem de princípios** (cadeia de dois ou mais conceitos);
8. **solução de problemas** (aplicar princípios já conhecidos na solução de problemas).

Campos (1984), conceitua aprendizagem de um ponto de vista funcional, como motivação sistemática do comportamento, em caso de repetição da mesma situação estimulante ou na dependência da experiência vivida anteriormente com certa situação.

2. Artesanato como Estratégia de Educação

Em relação ao artesanato, focaliza-se de modo especial o artesanato cearense e a maneira como este é trabalhado pelos artesãos que dele fazem parte, enfatizando também a sua importância dentro do processo educativo.

Remontando aos primórdios da educação brasileira, encontra-se a ação dos jesuítas no setor educacional. Havia, naquela época, as escolas chamadas de sete artes para a classe mais favorecida e as escolas onde se aprendiam os ofícios, ou seja, os trabalhos manuais, para os menos favorecidos. Observa-se, assim, a dicotomia entre a mente e as mãos, ou melhor, o predomínio do trabalho intelectual sobre o trabalho manual na formação do brasileiro.

Sousa (1983), comenta das raízes deixadas pelo preconceito que a própria Constituição de 1937 (a Polaca) teve o desplante de afirmar, no seu artigo 129, de que o ensino pré-vocacional e profissional estava destinado às classes menos favorecidas.

No Ceará, a artesanato nasceu da necessidade da fabricação de utilidade com produtos da terra. O cearense como os demais seres humanos que habitam nosso planeta, aos poucos foram modificando sua maneira de viver. Foi usando sua imaginação e criando meios de melhorar sua existência.

Os colonizadores no Ceará aprenderam com os índios a trabalhar em barro, bem como a confeccionar redes, enquanto estes assimilavam trabalhos próprios da cultura européia. A junção dos conhecimentos dessas duas raças resultou no artesanato cearense. Contudo, coube aos jesuítas o pioneirismo em fixar os técnicos artesanais entre a população cearense, através de um sistemático processo de ensino por volta dos séculos XVII e XVIII.

Por incrível que pareça, em pleno século XXI, em dias atuais, ainda perdura em nosso figurino educativo uma educação voltada para formação do intelectual, para o domínio do saber elitista, quase que totalmente desvinculado do saber popular, distanciando do dia-a-dia da clientela escolar.

O fracasso escolar das crianças de baixa renda tem na raiz, a situação de pobreza de suas famílias. Entretanto, uma vez na escola, o trabalho que se faz com elas, também é importante para influir em seu aproveitamento. Dada a condição financeira precária da maioria dos alunos das escolas oficiais, ou seja, escolas de periferia urbana da nossa cidade, a escola poderá minimizar o fracasso escolar na dependência do trabalho que vai realizar com este alunado denominado carente.

O educador pode ser auxiliado em sua ação pedagógica com o artesanato, que é uma linguagem artística por excelência, no sentido de contribuir para que as atividades artesanais funcionem com cultura de sub-existência, oportunizando a aprendizagem de trabalhos que levem o aluno a ajudar na melhoria das condições de vida de sua família.

Sabe-se que muito cedo boa parte do alunado das escolas públicas começa a trabalhar em feiras livres, supermercados, etc. fazendo toda sorte de malabarismo para poder sobreviver. Se houvesse um espaço maior da escola através da aprendizagem do trabalho artesanal, acredita-se que se abririam as portas para o ingresso do menor carente no campo profissional, e assim sua auto-estima se elevaria proporcionando um melhor desempenho na aprendizagem e cognição.

3. Música como Ferramenta de Motivação

Para Piletti (1991), a motivação é o fator mais importante da aprendizagem, mas geralmente é também aquele que costuma merecer menos atenção dos professores. Três são as funções dos motivos: ativar o organismo; dirigir o comportamento para um objetivo; selecionar e acentuar a resposta correta.

Relaciona quatro teorias, entre outras, e procura explicar a motivação:

- a) A **teoria do condicionamento** explica a motivação pelo reforço: o indivíduo aprende para alcançar um reforço externo que vai satisfazer suas necessidades biológicas.
- b) A **teoria cognitiva** valoriza a motivação intrínseca e inclui fatores como objetivos, intenções, expectativas e planos entre os principais motivos que levam o indivíduo a aprender.
- c) A **teoria humanista** estabelece uma hierarquia de necessidades e motivos: necessidades fisiológicas, necessidade de segurança, necessidade de amor e participação, necessidade de estima, necessidade de realização, necessidade de conhecimento e compreensão e necessidades estéticas. A satisfação das necessidades inferiores seria condição necessária para o aparecimento e a satisfação das superiores.
- d) Para a **teoria psicanalítica**, as experiências infantis são a principal fonte dos comportamentos posteriores e a motivação é um processo predominantemente inconsciente.

Podendo ser indicados, entre outros os princípios orientadores para motivação escolar que são: atrair a atenção dos alunos; dar a cada aluno a possibilidade de estabelecer e alcançar seus próprios objetivos; favorecer a avaliação constante, pelos próprios alunos dos progressos alcançados; possibilitar discussões e debates.

Com base na afirmação, teorias e princípios, podemos concluir que a música é arte essencialmente comunicativa e de grande importância social e esta importância está na razão direta da posição que ocupa na vida contemporânea.

No dia-a-dia de um trabalho com o elemento infantil essa comunicação tende a crescer, criar laços mais estreitos de aceitação e amizade. A criança ao cantar junto com outras, ela se sente parte de um todo, e que neste conjunto, todos têm sua importância coletiva, funcionando assim numa totalidade, cada uma colaborando individualmente dando sua contribuição harmônica, com um só objetivo. Tais aspectos ao que parece, são efeitos de socialização e ao mesmo tempo de individualização humana. A criança utiliza a comunicação musical para expressar-se para dar à auto-expressão um valor de comunicação; uma espécie de universalidade sensível, através do diálogo musical.

A socialização e internalização de valores estarão ligadas à receptividade que os seus produtos têm no mundo da família, dos colegas, comunidade, da região. Para a criança, essa receptividade será sempre uma resposta aos seus valores, quando ela se sente consciente e segura de suas capacidades. Essa receptividade dará dimensão de sua capacidade de produzir coisas boas, de sentir que pode entrar no mundo, resultando daí sua afirmação e solidificação pessoal.

No processo de formação da personalidade da criança vai-se desenvolvendo o sentido do “nós” que nos dá a sensação de pertencermos a grupos, que faz com que nos sintamos ao mesmo tempo iguais a todos os outros do grupo e diferente de todos eles.

Enquanto a criança vive cada fase do seu desenvolvimento, ela estará aprendendo a ser social. Ela estará conquistando, por esforço próprio, o seu lugar ao sol. Esse aprendizado inclui sentimentos de auto-estima e auto-aceitação, que formarão as bases para o relacionamento com as outras pessoas.

E nessa experiência, em que a criança é e faz com que os outros sejam, ela terá desenvolvido a capacidade de confiar em si mesma, sentir-se-á um indivíduo íntegro e autônomo, digno de amar e ser amado, bem como possibilidades de realização plena de suas capacidades no desempenho de tarefas.

Bee (2003, p. 53), fazendo uma leitura harteriana se posiciona em relação a auto-estima, os seus conceitos de modo paradoxal:

“É na idade escolar – por volta dos sete anos - que as crianças começam a desenvolver uma auto-avaliação *global*. As crianças de sete ou oito anos respondem imediato a perguntam sobre quanto elas gostam de si mesmas como pessoas, quão felizes elas são ou se gostam da maneira pela qual estão vivendo sua vida. É esta avaliação global do próprio valor que, em geral, referimos como **auto-estima**, a qual não é meramente a soma de todas as avaliações separadas que a criança faz de suas habilidades nas diferentes áreas.

Em vez disso, como nos diz a pesquisa extremamente interessante de Susan Harter, sobre a auto-estima, o nível de auto-estima de cada criança é o produto de duas avaliações ou de dois julgamentos internos (Harter, 1987; 1990). De início, cada criança experimenta algum grau de discrepância entre aquilo que gostaria de ser (ou pensa que *deveria* ser) e aquilo que acha que é – entre seu *self ideal* e o que percebe como seu *self real* (Harter, 1998). Quando essa discrepância é pequena, a auto-estima da criança, muitas vezes, é alta. Quando a discrepância é grande - quando ela percebe que não está vivendo de acordo com seus objetivos ou valores – auto-estima é muito mais baixa.

Os padrões não são os mesmos para todas as crianças. Algumas valorizam muitas as habilidades acadêmicas, outras valorizam as habilidades esportivas ou as amizades. O segredo da auto-estima propõe Harter, é o tamanho da discrepância entre aquilo que acha que conseguiu. Desse modo, aquela que valoriza a destreza nos esportes, mas não é grande ou coordenada o suficiente para ser boa em esportes, terá uma auto-estima mais baixa do que a criança igualmente pequena ou descoordenada que não valoriza tanto os esportes. Da mesma forma, ser bom em algo, como cantar, jogar xadrez ou ser capaz de conversar com a mãe, não elevará a auto-estima da criança, a menos que ela valorize aquela determinada habilidade.

A cultura, obviamente, desempenha algum papel aqui. Cada cultura ou subcultura valoriza determinadas habilidades ou qualidades: habilidades intelectuais, destreza nos esportes, bondade, ou seja, lá o que for. No nível mais amplo, as crianças que crescem em culturas individuais tendem a se avaliar de acordo com padrões de realização individual – tirar boas notas, ganhar um prêmio na feira de ciências ou fazer um gol no jogo de futebol. As crianças que crescem em culturas coletivas tendem a se avaliar à luz das qualidades comunitárias, como capacidade de relacionar-se bem com os outros.”

A música como a língua pode ser ensinada de duas maneiras: pela prática e pela teoria. Possui uma literatura especial de uma riqueza e variedades extremas; o compositor é um autor com o mesmo título que tem o literato; os virtuosos cantores e instrumentistas são intérpretes como o declamador e o leitor; uns se valem das palavras, outros dos sons, mas o seu fim é o mesmo, provocar a emoção ou, pelo menos, despertar o interesse. “A música é como uma linguagem universal que relata harmoniosamente todas as sensações da vida”.

A música é, pois uma língua, uma arte e uma ciência, e deve ser considerada, dependendo das circunstâncias, dentre um dos três aspectos:

Como **LÍNGUA** de origem divina, pois o canto é tão natural ao homem como a palavra e o simples grito; é bastante verdadeiro que, para os primeiros homens, o grito e a vociferação substituem a palavra articulada. Como **ARTE** é o produto do espírito humano que tende sempre, a enobrecer, a poetizar e a idealizar os materiais que lhe oferece a natureza, e como **CIÊNCIA** que é tão fria e positiva como exuberante é a arte, aparece aqui com as suas cifras e suas fórmulas exatas, como freio saudável assim como uma balança mantém o equilíbrio.

4. Dança na Aprendizagem Psicomotora

Segundo Picq & Vayer (1969), há um rigoroso paralelismo entre o desenvolvimento das funções psíquicas. A psicomotricidade, portanto, é o relacionamento entre o pensamento e a ação, envolvendo também a emoção. Assim, a psicomotricidade como ciência da educação, procura educar o movimento, ao mesmo tempo em que desenvolve as funções da inteligência. Sem o suporte psicomotor, o pensamento não poderá ter acesso aos símbolos e a abstração. O desenvolvimento psicomotor evolui paralelismo ao desenvolvimento mental. Desta maneira, é essencial às diferentes aprendizagens na Escola, principalmente à aprendizagem da leitura e da escrita, mas também, com grande consideração e essencial influência da dança, que é uma seqüência de movimentos e passos rítmicos, proporcionando à criança um desenvolvimento psicomotor harmonioso. A motricidade apresenta-se como reação global, onde os fenômenos motores e psicológicos se entrelaçam.

A dança, como uma das várias linguagens artísticas, busca ser recursos metodológicos para auxiliar o professor no processo ensino-aprendizagem, pois, além de educar recriando, oportunizam novas formas de pensar e agir, modificando assim formas anteriores, como agressividade e a

tensão, fechando um leque de várias manifestações positivas dentre elas a criatividade, a dramatização, expressão corporal, proporcionando um bem-estar físico, mental e corporal causado pelo entrelaçamento dos fenômenos motores e psicológicos (psicomotricidade), Havendo um desenvolvimento espontâneo psicossocial na criança favorecendo uma melhor assimilação das matérias básicas do currículo, Assim , sendo os educadores que trabalham com a dança, devem proporcionar ao aluno a escolha de papéis e expressões, jamais impor, evitando assim, toldar a sua liberdade, oportunizando suas próprias escolhas e assim contribuindo para formação de um sentimento prazeroso, fazendo com que ele, seja levado não só a assenhorar-se do mecanismo complicado da leitura, mas também alcance a capacidade de interpretar e dramatizar o que lê.

Gardner (1999, p. 105), ressalta,

“Não apenas todas as formas de arte apresentam simbolização, mas certas variedades de uso de símbolos, entre elas a expressão da emoção a exemplificação de propriedades sensoriais da referência ao próprio símbolo são a província particular das artes. (...) Assim, o fato de termos a criança em uma faixa etária de cinco a sete anos como relativamente avançado ou como um organismo altamente imaturo depende em grande parte da avaliação feita de sua competência simbólica e de um julgamento correlativo sobre a extensão na qual a simbolização exemplifica o ponto mais alto da atividade intelectual humana”.

CAPÍTULO III

AÇÃO DA ARTE NA PRÁTICA EDUCATIVA

1. As Linguagens Artísticas

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN,s) publicados em 1999, certificam que: “conhecer arte no Ensino Médio significa os alunos apropriarem-se de saberes culturais e estéticos inseridos nas práticas de produção e apreciação artísticas, fundamentais para formação e o desempenho social do cidadão”.

Com base nessa afirmação conta-se com uma seleção de conteúdos específicos relacionados e descritos separadamente para garantir presença e profundidade das formas artísticas nos projetos educacionais.

A critério das escolas e professores, propõe-se que os projetos curriculares se preocupem em diversificar as formas artísticas, propostas no decorrer da escolaridade, quando serão trabalhadas as linguagens artísticas: Artes Visuais, Dança, Música e teatro.

ARTES VISUAIS

As artes visuais como pintura, escultura, desenho, gravura, arquitetura, objetos, cerâmica, cestaria, entalhe, tapeçarias, são de extrema importância para a humanidade, pois surgiram junto as primeiras civilizações, incluem-se outras modalidades que resultam dos avanços tecnológicos e transformações estéticas do século XX : fotografia, moda, artes gráficas, cinema, televisão, vídeo, computação, performance, holografia, desenho industrial, arte em computador), Cada uma dessas modalidades artísticas tem a sua particularidade e é utilizada em várias possibilidades de combinações entre elas, por intermédio das quais os alunos podem expressar-se e comunicar-se entre si e com outras pessoas de diferentes possibilidades.

Como as demais linguagens artísticas, as Artes Visuais na escola podem influir para amenizar a sobrepujança do trabalho manual tão marcante ainda na sociedade brasileira. Por que o trabalho inteligente do artesão, da mulher rendeira, debruçada horas a fio em sua almofada, e outros, não têm o

mesmo valor que o trabalho do” “doutor “ que faz livros “ (Freire, 1980, p.32), do doutor que faz uma cirurgia?

Sendo o trabalho o fio condutor das relações fundamentais entre o homem, a natureza e a sociedade, trabalhar é encontrar um lugar no organismo societário. Poderia a escola, na atual conjuntura social, onde o trabalho constitui um desafio, omitir-se da problemática que envolve tão de perto sua clientela? Poderá a educação brasileira continuar alienada de “ qualquer compromisso com o trabalho, dada sua feição aristocrática, elitista e a acadêmica, transplantada primeiro de Portugal e depois, da França, sem grandes aclimações para as condições específicas destes tristes tópicos? “ (Sousa, 1983, p.45). Sem sombra de dúvidas, a linguagem artística, Artes Visuais, nas unidades escolares, embora objetivando o processo, o “fazer criador “, sem preocupação com a perfeição, com o fim, poderá ajudar aquele que desde cedo precisa lutar para sobreviver.

Segundo Sousa (1983), o relacionamento entre educação e trabalho não podem continuar como se pertencessem a universos diferentes e não fossem interfaces de uma mesma realidade, a saber, a sistematização social que as gera, que as desenvolve e que deles se alimentam.

A lei 7.044/82 veio trazer o amparo legal na área educacional, objetivando no ensino do 1º e 2º graus, hoje E.F.II e E.Médio, a “ preparação para o trabalho “ enfatizado na lei 5.692/71. A referida “preparação para o trabalho “, embora não cuide da formação de profissionais para o trabalho, atento para o fato de se inserir o saber do trabalho como parâmetro fundamental na formação de nossos educandos.

Dentro dessa ótica, as Artes Visuais se fazem presentes, contínuas e tão atuais como na época anterior à industrialização.

Na visão dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN,s), publicados em 1998, as Artes Visuais, além das formas tradicionais (pintura, escultura, desenho, gravura, arquitetura, artefato, desenho industrial.), incluem outras modalidades e resultam dos avanços tecnológicos e transformações estéticas a partir da modernidade (fotografia, artes gráficas, cinema, televisão, vídeo, computação, performance.).

Cada uma dessas visualidades é utilizada de maneira particular e em várias possibilidades de combinações entre imagens, por meio do qual os alunos podem expressar-se e comunicar-se entre si de diferentes modos.

O mundo atual caracteriza-se por uma utilização da usualidade em qualidades inigualáveis na história criando uma totalidade de exposições

múltiplas para a humanidade, o que propicia a necessidade de uma educação para saber perceber e distinguir sentimentos, sensações, idéias e qualidades.

Essas aprendizagens atuam no favorecimento das compreensões mais amplas, fazendo com que o aluno desenvolva sua sensibilidade, afetividade e seus conceitos e se posicione criticamente.

A educação em Artes Visuais é educar o nosso modo de **VER E OBSERVAR**, é essencial para transformação e consciência da nossa participação no meio ambiente, na realidade cotidiana.

VER significa essencialmente **CONHECER**, perceber pela visão, alcançar com a vista os seres, as coisas e as formas do mundo ao redor. A visualização ocorre em dois níveis principais. Um deles se refere ao ser que está vendo, com suas experiências. O outro é o que a ambiência lhe proporciona. Mas **VER** não é só isso, **VER** é também um exercício de construção perceptiva onde os elementos selecionados e o percurso visual podem ser educados.

OBSERVAR é olhar, pesquisar, detalhar, estar atento de diferentes maneiras as particularidades visuais, relacionando-as entre si.

Uma educação do **VER**, do **OBSERVAR**, significa desvelar as nuances e características do próprio cotidiano.

Para tanto, a escola deve colaborar para que os alunos passem por um conjunto amplo de experiências de aprender e criar, articulando percepção, imaginação, sensibilidade, conhecimento e produção artística pessoal e grupal.

A educação visual deve considerar a complexidade de uma proposta educacional levada em conta possibilidades e modos de os alunos transformarem seus conhecimentos em arte, ou seja, a maneira de como aprendem, criam e se desenvolvem na área.

Criar e perceber formas visuais torna-se necessário trabalhar freqüentemente com as relações entre os elementos que as compõem, tais como: ponto, linha, plano cor, luz, movimento e ritmo. As movimentações desses elementos nas imagens originam a configuração de códigos que se formam ao longo dos tempos. Tais normas de formação das imagens podem ser assimiladas pelos alunos como conhecimento e aplicação prática recriadora e atualizada em seus trabalhos, de acordo com seus projetos demandem e sua sensibilidade e condições de concretizá-los permitam. O aluno também cria suas poéticas onde gera códigos pessoais.

Além disso, é preciso considerar as técnicas, procedimentos, informações históricas, relações culturais e sociais envolvidas na experiência

que darão suporte, às suas representações (conceitos ou teorias), sobre arte. Tais representações transformam-se ao longo do desenvolvimento à medida que avança o processo de aprendizagem.

Conhecer as Artes Visuais é saber produzir e refletir estética e artisticamente sobre imagens visuais, que implica num envolvimento cognitivo, perceptível e sensível com as formas dessas imagens.

O desenvolvimento do aluno nas linguagens visuais requer, estão aprendizagem de técnicas, procedimentos, informações sobre história de arte, artística e sobre as relações culturais e sociais circundar na experiência de fazer e apreciar arte. Sobre tais aprendizagens o jovem construirá suas próprias representações ou idéias, que transformará ao longo do desenvolvimento, à medida que avança no processo educacional.

DANÇA

Em conformidade com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN,s) publicados em 1998 , a arte da dança faz parte das culturas humanas e sempre integrou o trabalho, as religiões e as atividades de lazer. Os povos sempre privilegiaram a dança, sendo esta um bem cultural e uma atividade inerente à natureza do homem.

Toda ação do homem envolve a atividade corporal. A criança é um ser em constante movimentação e utiliza-se dela para arrecadar conhecimento de si mesmo e daquilo que a cerca, relacionando-se com objetos e pessoas. A ação física é necessária para que a criança harmonize de maneira integradora as potencialidades motoras, efetivas e cognitivas.

A atividade da dança na escola pode desenvolver na criança a compreensão de sua capacidade de movimento, mediante um amplo entendimento do funcionamento do seu corpo. Assim praticá-lo expressivamente com maior inteligência, autonomia, responsabilidade e sensibilidade.

Dessa forma, a escola pode desempenhar papel importante na educação dos corpos e do processo interpretativo e criativo de dança, pois dará aos alunos subsídios para melhor compreender, desvelar, desconstruir, revelar e, se for o caso, transformar as relações estabelecidas entre o corpo, dança e sociedade. Nos terceiros e quarto ciclos, essa função da escola torna-se ainda mais proeminente, pois os alunos já começam a tomar consciência de seus corpos e das e das diversas histórias, emoções, sonhos e projetos de vida que neles estão presentes.

Portanto, pode-se trabalhar mais consciente e claramente com as relações que se estabelecem entre corpo, dança, sociedade e seus temas inerentes: modelos de corpo, atitudes, valores, promessas de felicidade, projetos de vida, relações entre gênero, entre etnias e assim por diante. Com os conteúdos específicos da Dança (habilidade de movimento, elementos do movimento, princípios estéticos, história, processos da dança), os alunos jovens poderão articular, relacionar e criar significados próprios sobre seus corpos e suas danças no mundo contemporâneo, exercendo, assim, plena e responsabilmente sua cidadania. Já nos alunos adolescentes/ jovens é importante que se trabalhe em localidades diferentes das pesquisadas sempre ouvindo atentamente o que seus alunos têm a dizer sobre seus corpos, sobre o que dançam e ou que gostariam de dançar, que observem atentamente as escolhas de movimento e como eles são articulados em suas criações de dança, para que se possam escolher conteúdos e procedimentos não somente adequados, mas também problematizadores das realidades em que esses corpo/dança estão inseridos.

A dança é explorada especialmente como fonte de integração entre as áreas de história, literatura, comunicação e expressão, encontrando um campo muito vasto no sentido de enriquecer a aprendizagem dessas áreas de estudo.

A curiosidade é um sentimento inerente a todo ser humano principalmente nos primeiros anos de vida. A criança quer saber tudo que ocorre ao seu redor, indagar o por quê dos acontecimentos e caso não seja inibida pela família ou pela escola continuará a buscar, investigar, dando asas ao seu senso curioso.

Destaca-se na dança a importância do folclore, ele dá margem ao estudo feito pelos próprios educandos, fugindo ao conteúdo transmitido unilateralmente pelo educador.

Desde as séries iniciais, toda criança é capaz de descrever uma brincadeira de roda, uma feira livre, a dança de uma quadrilha, adivinhações, temas de pára-choque de caminhões, ditados, provérbios, uma vaquejada, um cantador de viola, uma poesia matuta, etc. Esse manancial de conhecimentos faz parte da nossa cultura popular e por meio de pesquisas feitas pelos próprios educandos, são trabalhadas na escola como forma de valorizar o saber popular, a cultura simples do nosso povo que é transmitida de geração em geração, acompanhando o homem do nascer ao morrer.

Nos últimos tempos a escola tem sido objeto de inúmeras críticas negativas no que tange à transmissão de conhecimentos distantes das realidades sócio-econômico-político-cultural das suas clientelas. Afirma-se que

essa instituição sempre quase exclusivamente à cultura elitista menosprezando a cultura popular como se esta fosse de menos relevância.

Segundo Demo (1982), é importante desmistificar de várias maneiras o elitismo desse tipo de cultura, por que não seria sustentável, particularmente depois dos trabalhos antropológicos e estruturalistas, a afirmação de que “ o povo não têm cultura “. O povo não tem apenas a cultura da elite, mas tem a sua cultura, tem sua instrução; sua linguagem não é rude; é própria. Pode haver música popular, teatro popular, arte popular e assim por diante.

Na percepção dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN,s) publicados em 1998, a dança é uma linguagem artística muito importante, pois ressaltam que em pesquisas feitas com alunos sobre aulas de dança na escola, o que mais direciona a atenção dos pesquisadores é o fato de os alunos se engajarem/gostarem dessas aulas porque são “divertidas”. Acreditando no prazer e na diversão como fonte de significado para a vida, e não simplesmente como “ descanso para as aulas pesadas “, a pergunta que se segue é, obviamente, o que é “ divertido “ para eles?

Através da dança os alunos podem, reforçar laços de amizade, trabalhar e conhecer o grupo, de uma maneira, conhecer a si próprios e de outra maneira, dando importância à questão da auto-estima. Alunos afirmam também que durante as aulas podem incitar o corpo físico, criar danças que fazem sentido para eles, aprender bastante “para poder mostrar “, experimentar novas formas de expressão que não são possíveis por meio das palavras.

Não ficam de fora as afirmações de que as aulas de Dança são importantes para aliviar o estresse do dia-a-dia e as tensões e pressões escolares, assim como a possibilidade de estarem se movimentando pelo simples prazer de estar em contato com o corpo e com o movimento. Resumindo, para os alunos dançar é uma possibilidade de se perceberem livres e estarem vivos.

Outra visão de conceito de dança é o relacionamento entre os alunos desses ciclos que já podem estar até um pouco cristalizado por causa do relacionamento com a mídia e com o conceito de corpo dessa geração. Muitas vezes, a dança é sinônimo de código (balé clássico, moderno, contemporâneo), de “coreografia pronta” (geralmente para ser apresentada em festivais e festas), de estilo musical (por exemplo, *funk*, *rap*, *reggae*, *street dance*, *dance*) . Esta última merece destaque, pois há forte relação nessa faixa etária entre dança e música, sendo a segunda um dos principais elementos motivadores para aulas de dança. Se por um lado à música estimula os

movimentos, a dança, por outro, pode também restringi-los, pois a sociedade já tem modelos de dança que se “encaixam” a certos estilos de música.

Nessa ótica, nota-se uma dificuldade de se ter um trabalho criativo e apreciado pelos alunos na própria sala de aula, deve-se inicialmente quebrar e vencer os obstáculos das imposições determinadas pela sociedade.

MÚSICA

A Música sempre esteve associada às tradições e às culturas de cada época. Atualmente, o desenvolvimento tecnológico aplicado às comunicações vem modificando consideravelmente as referências musicais das sociedades pela possibilidade de uma escuta simultânea de toda produção mundial por meio de discos, fitas, rádio, televisão, computador, jogos eletrônicos, cinema, publicidade, etc.

Qualquer proposta de ensino que considere essa diversidade precisa abrir espaço para o aluno trazer música para a sala de aula, acolhendo-a, contextualizando-a e oferecendo acesso a obras que possam ser significativas para o seu desenvolvimento pessoal em atividades de apreciação e produção. A diversidade permite ao aluno a construção de hipóteses sobre o lugar de cada obra no patrimônio musical da humanidade, aprimorando sua condição de avaliar a qualidade das próprias produções e as dos outros.

Composições, improvisações e interpretações são os produtos da música.

O processo de criação de uma composição é conduzido pela intenção do compositor a partir de um projeto musical. Entre os sons da voz, do meio ambiente, de instrumentos conhecidos, de outros materiais sonoros ou obtidos eletronicamente pelo compositor, considerar seus parâmetros básicos (duração, altura, timbre e intensidade), juntá-lo com outros sons e silêncios construindo elementos de várias outras ordens e organizar tudo de maneira a constituir uma sintaxe. Ele pode também compor música pela combinação com outras linguagens, como acontece na canção, na trilha sonora para cinema ou para jogos eletrônicos, no jingle para publicidade, na música para dança e nas músicas para rituais ou celebrações. Nesse tipo de produção o compositor considera os limites que a outra linguagem estabelece.

Uma vez que a música tem expressão por meio dos sons, uma obra que ainda não tenha sido interpretada só existe como música na mente do compositor que a concebeu. O momento da interpretação é aquele em que o projeto ou a partitura se torna música viva. As interpretações são importantes

na aprendizagem, pois tanto o contato direto com elas quanto a sua utilização como modelo são formas do aluno construir conhecimento em música. Além disso, as interpretações estabelecem os contextos onde os elementos da linguagem musical ganham significados.

As improvisações situam-se entre as composições e as interpretações. São momentos de composição coincidindo com momentos de interpretação. Na aprendizagem, as atividades de improvisação devem ocorrer em propostas bem estruturadas para que a liberdade de criação possa ser alcançada pela consciência dos limites.

Um olhar para toda a produção de música do mundo revela a existência de inúmeros processos e sistemas de composição ou improvisação e todos eles têm sua importância em função das atividades na sala de aula.

Nas produções musicais em sala de aula, é importante compreender claramente a diferença entre composição e interpretação. Numa canção, por exemplo, elementos como melodia ou letra fazem parte da composição, mas a canção só se faz presente pela interpretação, com todos os demais elementos: instrumentos, arranjos em sua concepção formal, arranjos de base com seus padrões rítmicos, características interpretativas, improvisações, etc. O intérprete experiente sabe permitir que as mais sutis nuances da canção interpretada inscrevem-se na sua voz, que passa a ser portadora de uma grande quantidade de elementos da linguagem musical. Para que possa ser capaz de fazer o mesmo, o aluno necessita das interpretações como referência e de tempo para se desenvolver por meio delas, até que adquira condições de incorporar a canção com todos os seus elementos.

A cada canção oferece ainda a possibilidade de contato com toda a riqueza e profusão de ritmos do Brasil e do mundo, que nela se manifestam principalmente por meio de um de seus elementos: o arranjo de base. Nas atividades com esse elemento é importante lembrar que se considera música, por exemplo, tanto uma batucada de samba quanto uma canção que a utilize como arranjo de base.

Para que a aprendizagem da música possa ser fundamental na formação de cidadãos é necessário que todos tenham a oportunidade de participar ativamente como ouvintes, intérpretes, compositores e improvisadores, dentro e fora da sala de aula. Envolvendo pessoas de fora no enriquecimento do ensino e promovendo interação com os grupos musicais e artísticos das localidades, a escola pode contribuir para que os alunos se tornem ouvintes sensíveis, amadores talentosos ou músicos profissionais. Incentivando a participação em shows, festivais, concertos, eventos da cultura popular e outras manifestações musicais, ela pode proporcionar condições

para uma apreciação ampla e rica, onde o aluno aprende a valorizar os momentos importantes em que a música se inscreve no tempo e na história.

Do ponto de vista dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN,s) publicados em 1998, existem várias maneiras de relacionamentos por meio da música entre os educadores e educandos, estabelecendo relações com grupos musicais da localidade e da região, procurando participar em eventos musicais da cultura popular, shows, concertos, festivais, apresentações musicais diversas, através da escola pode-se oferecer possibilidades de desenvolvimento estético e musical por meio de apreciações artísticas. Várias manifestações musicais, tais como os movimentos que têm vigorosa mistura entre som internacional e os ritmos locais permitem sentir e refletir sobre suas respectivas estéticas, percebendo influências culturais de várias ordens e a presença da cultura oral. O quando e como trabalhar os vários tipos de música levados para a sala de aula vai depender das opções feitas pelo professor, tendo em vista os alunos, suas vivências e o meio ambiente, e vai depender da bagagem que ele traz consigo: vai depender de seu “saber música” e “saber ser professor de música”.

O adolescente / jovem do ensino fundamental, em fase de muitas experimentações, pode aprender a explorar diferentes estruturas sonoras, contrastar e modificar idéias musicais. A partir de suas condições de interpretação musical, expressividade e domínio técnico básico, pode improvisar, compor, interpretar, explorando diversas possibilidades, meios e materiais sonoros, utilizando conhecimento da linguagem musical, comunicando-se e expressando-se musicalmente. Conhecendo e apreciando músicas de seu meio sociocultural e do conhecimento musical construído pela humanidade em diferentes períodos históricos e espaços geográficos, o aluno pode aprender a valorizar essa diversidade sem preconceitos estéticos, étnicos, culturais e de gêneros.

Existem inúmeros conceitos sobre a educação. Entre outros, a destacar este em especial:

“ A educação é o desenvolvimento harmônico de todas as capacidades do indivíduo, com o duplo objetivo de permitir a plena expansão da personalidade humana e de concorrer para a organização de uma vida social melhor “. (autor desconhecido).

Considerando a definição mencionada acima, observa-se que a educação objetiva o desenvolvimento integral da personalidade do educando e sua integração e participação efetiva no corpo social onde está inserido.

Assim sendo, a música uma das linguagens artísticas, é um recurso valioso dentro desta ótica da educação envolvendo uma série de ações que proporciona o desenvolvimento da acuidade auditiva, uma vez que o bem ouvir depende da reprodução dos sons e o saber ouvir depende da criação de hábitos que levam o educando a escutar, para melhor entender, observar e analisar o que ouve.

As atividades musicais em sala de aula ajudam a estabelecer um bom relacionamento entre os educandos desenvolvendo desde cedo, o senso de responsabilidade, a necessidade de cooperação e o respeito pelo outro, tão fundamentais na socialização da criança.

Sempre que a criança toca ou canta em conjunto, desperta para o fato de pertencer a um todo onde os participantes são igualmente importantes. Assim, ao cantar em sala de aula o aluno aprende a colaborar individualmente compreendendo que cada um precisa trabalhar em harmonia, com um objetivo comum.

Vale a pena frisar que os educadores observam que, ao cantar em grupos ou tocar em bandinhas rítmicas, o educando deixa de lado o espírito da competição reforçado pela educação seletiva, pelo nosso tão criticado sistema de avaliação onde predomina o critério unilateral, cabendo ao educador julgar, avaliar, atribuir notas, conceitos e até prêmios. “Não seria em geral, uma promoção dos já promovidos? Não será uma forma de incentivar o individualismo ou o egoísmo?” Não seria uma maneira de subtrair do educando o direito e o exercício da auto-avaliação onde o aluno pensa sozinho sobre si mesmo, analisa seus progressos, seus retrocessos e se questiona sobre o que poderá fazer para melhorar seu rendimento escolar?

Aborda-se agora, a música no processo de aprendizagem, considerando-a atrelada à assimilação de conteúdos engolidos e regurgitados na hora das verificações, mas encarando-a como a aquisição de um comportamento anterior, baseado na experiência e no crescimento do ser humano.

A linguagem musical oportuniza novas formas de pensar e agir modifica formas anteriores, como a agressividade e a tensão.

Sabe-se que existem condições básicas para que a aprendizagem ocorra efetivamente sendo o grau de maturidade, um fator essencial. Outro requisito imprescindível é a motivação, onde a música oferece um largo espaço não só no tocante ao lazer na escola, mas no sentido de ajudar na aquisição de conhecimentos voltados para o estudo do conteúdo em apreço. Por meio da música pode-se trazer para bem perto de nós o dia-a-dia da nossa

comunidade, transformando-o em situação de aprendizagem e levando os educandos a pensar de forma crítica a sua realidade.

Fechando o leque dos aspectos positivos da música na educação. Vê-se que por meio da música, o educando com a ajuda do especialista e educador, pode criar paródias adaptadas no seu cotidiano, escrever letras e trabalhar músicas dando margem ao cultivo do espírito criativo, tão necessário ao desenvolvimento e à transformação social.

Na área da educação, a expectativa em torno da criatividade tem sido bastante discutida e a tônica de tais debates giram em torno da escola incentivar o exercício da criatividade, pois como instituição ela está a serviço da sociedade necessitando, portanto, de idéias novas que favoreçam o progresso de uma sociedade efetivamente democrática.

TEATRO

O teatro como as demais linguagens artísticas, busca ser um recurso metodológico para auxiliar o professor no processo ensino-aprendizagem, pois além de educar recriando, ainda pode favorecer a assimilação das matérias básicas do currículo.

Toda criança, desde cedo, dramatiza, embora se julgue que as primeiras manifestações sejam simplesmente imitação do que vê ao seu redor; ela, na realidade, observa, registra os fatos que presencia e tenta reproduzi-los, não como foram vistos ou ouvidos e, sim, enriquecidos com acréscimos ou restrições pessoais. Dessa forma, a criança associa a realidade à fantasia e se identifica de tal maneira com a personagem ou a situação dramatizada que chega a um desdobramento de sua personalidade. Tais atitudes são relacionadas ao autoconceito na idade escolar.

Bee (2003, p.46), relata que:

“Ao longo dos anos do ensino fundamental, o autoconceito concreto muda aos poucos para uma autodefinição mais abstrata, mas comparativa, mais generalizada. Uma criança de seis anos poderia descrever-se como” esperta “ou” estúpida “; é mais provável que uma criança de 10 anos diga que ela é” mais esperta que a maioria das outras crianças “, ou” não tão boa no beisebol quanto os meus amigos “(Rosenberg, 1986; Ruble, 1987). Ao mesmo tempo, o autoconceito da criança também se torna, de modo gradual, menos centrado em características externas e mais em

qualidades internas A criança em idade escolar, além disso, começa a ver as suas características (e as dos outros) como relativamente estáveis e, pela primeira vez desenvolve um senso global de autovalor”.

Assim sendo, o teatro permite um melhor conhecimento da criança, uma vez que ela se deixa conhecer intimamente quando escolhe a personagem que mais lhe agrada, se encanta quando sente que a personagem tem muito de si e de seus sonhos.

A proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN,s), através dos educadores, que trabalham suas linguagens artísticas é, sem dúvida, jamais impor ou mesmo escolher os papéis a serem vividos pelos educandos, pois, assim, evita toldar a sua liberdade, oportuniza suas próprias escolhas e não contribui para formação de um sentimento antipático em relação ao teatro.

Observou-se através desta pesquisa, que o educador imbuído dessa filosofia, quando se encontra em situação concreta existencial, ou seja, em sala de aula, sempre possibilita qualquer dramatização, uma vez que o teatro não encerra apenas imitação daquilo que a criança geralmente presencia, mas conduz também a uma auto-expressão. Não é este um dos objetivos mais perseguidos em nosso processo de aprendizagem?

Um outro aspecto enfocado em nosso ensino, nestes últimos anos, tem sido a preocupação em ampliar e enriquecer as experiências dos educandos através da leitura, estimulando hábitos de interpretação, procurando aguçar o senso crítico, a capacidade de observação, de criação, etc.

Nas séries iniciais do Ensino Fundamental, de acordo com as respectivas atividades, o exercício da leitura abre alas para a Linguagem Artística Teatral, por meio das várias modalidades de leituras suplementares, de histórias infantis, diálogos, fábulas, poesias, todas elas tão apreciadas pelos educandos.

Dentro do olhar dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN,s), publicados em 1998:

“O Teatro favorece aos jovens e adultos, possibilidades de compartilhar descobertas, idéias; sentimentos, atitudes, ao permitir a observação de diversos pontos de vista, estabelecendo a relação do indivíduo com o coletivo desenvolvendo a socialização”.

Com a experiência do teatro na escola aumenta-se a capacidade de diálogo, negociação, tolerância, e a convivência com a ambigüidade. No processo de construção dessa linguagem, o jovem institui com o seu grupo um relacionamento de trabalho ajustando sua imaginação criadora com a prática e a consciência na observação de regras. O teatro como diálogo entre palco e platéia pode se tornar um dos parâmetros de orientação educacional nas aulas de teatro; para tanto, deverá integrar-se aos objetivos, conteúdos, métodos e avaliação da área.

Em situações que ocorrem no dia-a-dia em sala de aula, aproveitando e estudo do conteúdo, encontra-se um vasto campo para a dramatização onde a aluno aprende, adquire conhecimentos, revive experiências e dá expansão ao seu pensamento criativo, ganhando melhores idéias e conceitos em relação ao mundo que o cerca.

Segundo a autora Bárbara de Carvalho, “nenhuma educação prescinde da educação do espírito”. Portanto a linguagem artística teatral é imprescindível em nossas escolas, já que toda criança é um ator que constrói o seu mundo interior fazendo o jogo da sua realidade como o artista o faz.

O hábito da leitura poética conduz ao salutar aprimoramento das emoções e da sensibilidade aguçando e multiplicando o prazer e o senso do belo. A linguagem figurada: símbolos, imagens, comparações próprias das histórias de “faz-de-conta”, leitura e dramatização de peças teatrais são pontos de apoio no processo de ensino-aprendizagem.

Os educadores que se preocupam em transpor para a escola a realidade de sua comunidade, a problemática de sua gente, seus hábitos, seus costumes, em suma, o viver em determinada sociedade, recorrem sempre ao teatro como meio excelente para auxiliar no desenvolvimento das potencialidades humanas, principalmente no que se refere à socialização, objetivos assinalados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN,s) e pela educação nacional.

Nossas escolas estão repletas de educandos “quietinhos”, tímidos em excesso, que permanecem fechados em seu mundo, como também encontra-se crianças - problemas com inúmeras dificuldades de aprendizagem e relacionamento. A linguagem artística do teatro, a boa vontade do educador associada à sua possibilidade, são de grande valia no comportamento de tais crianças. Aos poucos, sendo constantemente induzida se for tímida, ela tomará parte nesta modalidade de atividade, superando seus problemas, adquirindo confiança em si mesma, tornando-se capaz de participar de outras espécies de trabalhos artísticos como o canto, a poesia, etc.

É tarefa dos profissionais que trabalham as linguagens artísticas dos PCNIs e dos professores, mostrar, incentivar e divulgar o valor do teatro na formação do educando, pois omitir a dramatização da criança é suprimir-lhe uma das atividades mais ricas e a forma mais viva e emocional da linguagem humana.

Para realçar tal afirmação fazemos nossas as palavras de um ator americano que viveu no século XX e que fez muito sucesso na década de 30. “Se acaso alguém me houvesse alertado o interesse, se antes de cada matéria lesse algum prefácio estimulante que me despertasse a inteligência, me oferecesse fantasias em lugar de fatos, me divertisse e me intrigasse com o malabarismo dos números, romantizasse mapas, me desse um ponto de vista a respeito da história e me ensinasse à música da poesia, talvez eu tivesse sido um erudito”.

2. As Artes Visuais como Produção Cultural e Histórica

Na ótica dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN,s) publicados em 1998, as artes visuais se caracterizam como Produção Cultural e Histórica em *observar, pesquisar e conhecer* de diferentes obras de artes visuais, produções e movimentos artísticos de diferentes culturas (regional, nacional e internacional) e em diferentes tempos da história; *compreender* sobre a valorização das artes visuais na vida dos indivíduos e suas de trabalho na sociedade contemporânea; *refletir* sobre a ação social que as produções de artes concretizam em diferentes épocas e culturas, situando conexões entre vida, ora e contexto; *conhecer e investigar* sobre a arte do entorno próximo e distante a partir das obras, fontes vivas, textos, outras formas de registro (apresentada material e / ou virtualmente); *conhecer, valorizar* a sistematização de documentação diversa, catalogar, preservar e divulgar os bens culturais presentes no entorno próximo e distante; *utilizar* espontânea e freqüentemente às fontes de informação e comunicação artísticas presentes em diversas culturas através de processos dialógicos diretos ou virtuais como: museus, mostras, exposições, galerias, feiras, mercados, páginas e sítios informáticos. *Elaborar* de formas pessoais de registro para assimilação, sistematização e comunicação das experiências com formas visuais e fontes de informação das diferentes culturas; *refletir* sobre as artes visuais e cultura brasileira em sua diversidade e presença na comunidade e no cotidiano dos alunos; *reconhecer* a presença de qualidades técnicas, históricas, estéticas, filosóficas, éticas, culturais nas produções visuais, observando-as como fonte de pesquisa e reconhecendo-as como veículo de compreensão diferenciada do ser humano e suas culturas; *conhecer* criticamente as diferentes interpretações de artes visuais e da cultura brasileira, produzidas por brasileiros e estrangeiros no país.

Com essas produções culturais e históricas, pretende-se que o aluno aprenda a *observar, estudar e compreender* as diferentes obras de artes visuais, artistas e movimentos artísticos produzidos em diversas culturas (regional, nacional e internacional) e em diferentes épocas da história, *reconhecer* a importância das artes visuais na sociedade e na vida dos indivíduos, *identificar* produtores em artes visuais como agentes sociais de diferentes épocas e culturas: aspectos das vidas e alguns produtos artísticos, *pesquisar e freqüentar* algumas das fontes vivas (artistas) e obras para reconhecimento e reflexão sobre a arte presente no entorno, *contactar* com freqüência, leitura e discussão de textos simples, imagens e informações orais sobre artistas, suas biografias e suas produções, *reconhecer* a valorização social da organização de sistemas para documentação, preservação e divulgação de bens culturais, *freqüentar e utilizar* das fontes de informação e comunicação artística presentes nas culturas: (museus, mostras, exposições, galerias, ateliês, oficinas), e *elaborar* registros pessoais para sistematização e assimilação das experiências com formas visuais, informantes, narradores e fontes de informação.

3. Orientações Didáticas e dos Alunos

No descortinar dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN,s) publicados em, 1998, as orientações didáticas para os cursos escolares de arte “referem-se ao modo de realizar as atividades e às intervenções educativas junto dos estudantes nos domínios do conhecimento artístico e estético. São idéias e práticas sobre as metodologias e procedimentos para possibilitando o aperfeiçoamento dos saberes dos alunos em Arte. Mas não são quaisquer metodologias e procedimentos e sim aqueles que possam levar em consideração o valor educativo da ação cultural da arte na escola. As orientações didáticas referem-se às escolhas do professor quanto aos conteúdos selecionados para o trabalho artístico em sala de aula. Referem-se aos direcionamentos para que os alunos possam produzir, compreender e analisar os próprios trabalhos e aprender noções e habilidades para apreciação estética e análise crítica do patrimônio cultural artístico”.

A didática do ensino de Arte manifesta-se em geral em duas tendências: uma que propõe exercícios de repetição ou a imitação mecânica de modelos prontos, outra que trata de atividades somente auto-estimulantes. Ambas favorecem tipos de aprendizagens distintas que deixam um legado empobrecido para o efetivo crescimento artístico do aluno.

Em arte as estratégias individuais para a concretização dos trabalhos são um fato; além disso, os produtos nunca coincidem nos seus resultados. Para o aluno compreender e conhecer arte e seus processos de criação torna-se, portanto um excelente modelo de referência e faz parte da orientação didática.

As atividades propostas na área de arte devem garantir e ajudar as crianças e jovens a desenvolverem modos interessantes, imaginativos e criadores de fazer e de pensar sobre a arte, exercitando seus modos de expressão e comunicação.

Os encaminhamentos didáticos expressam, por fim, a seriação de conteúdos da área e as teorias de arte e de educação selecionadas pelo docente.

Com base nessas orientações vale salientar que a articulação entre a educação estética e educação artística é a base metodológica desta proposta e gerada pelo que se necessita saber em arte. Embora estejamos considerando o processo de ensino e aprendizagem a partir dessa idéia, nada impede que o professor tenha os seus próprios métodos para tratar os aspectos específicos das linguagens e saberes artísticos. Importante mesmo é integrá-los de forma que o processo de aprendizagem da arte ocorra.

Os métodos de educação escolar em Arte são os próprios caminhos delineados no ensino e aprendizagem artística e estética para se chegar a uma finalidade, isto é, ao conhecimento da arte. Mas, só poderemos percorrer tais caminhos através de procedimentos intencionalmente escolhidos, dentro de um determinado posicionamento pedagógico. Ou seja, a decisão pelos procedimentos de ensino e aprendizagem é que vai indicar as tendências e as ações pedagógicas que foram incorporadas. Exemplificando, são esses procedimentos que vão mostrar se os passos dados no método centralizam a atividade artística num espontaneísmo, na técnica pela técnica, no autoritarismo do professor ou na apreensão e reelaboração da cultura artística vivida pela humanidade.

4. A criação e aprendizagem

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN,s) publicados em 1998, ressaltam que o processo de conhecimento na área artística se dá especialmente por meio da resolução de problemas, assim como nas outras disciplinas do currículo escolar. Quais questões devem ser propostas para os alunos durante sua aprendizagem artística, ou, dito de outro modo, o que é

resolver problemas em arte? A partir da reflexão sobre essa pergunta, são apresentados alguns pontos que visam orientar os professores de Arte na compreensão das tarefas e papéis que podem desempenhar a fim de instrumentalizar o processo de aprendizagem dos alunos. Podem-se identificar duas classes de problemas que fazem parte do conjunto de atividades da área artística:

‘Problemas inerentes ao percurso criador do aluno, ligados à construção da forma artística, ou seja, à criação, envolvendo questões relativas às técnicas, aos materiais e aos modos pessoais de articular sua possibilidade expressiva às técnicas e aos materiais disponíveis, organizados numa forma que realize sua intenção criadora. No percurso criador específico da arte, os alunos estabelecem relações entre seu conhecimento prévio na área artística e as questões que um determinado trabalho desperta, entre o que querem fazer e os recursos internos e externos de que dispõem, entre o que querem fazer e os recursos internos e externos de que dispõem, entre o que observam nos trabalhos dos artistas, nos trabalhos dos colegas e nos que eles mesmos vêm realizando. Estabelecem relações entre os elementos da forma artística que concorrem para a execução daquele trabalho que estão fazendo, como, por exemplo, as relações entre diferentes qualidades visuais, sonoras, de personagens, de espaço cênico, etc. Além disso, tomam decisões e fazem escolhas quanto a materiais, técnicas, instrumentos musicais, tipos de personagens e formas de caracterizá-los e assim por diante.

São questões que se apresentam durante a atividade individual ou grupal, que mobilizam o conhecimento que têm dos conteúdos de Arte, suas habilidades em desenvolvimento, sua curiosidade, segurança ou insegurança interna para experimentar e correr riscos, suas possibilidades de avaliar resultados, o contato significativo com suas necessidades expressivas, sua percepção com relação aos passos de seu processo de criação, sua sensibilidade para observar e refletir sobre seu trabalho e seguir os caminhos que este lhe suscita, sua disponibilidade para conviver com a incerteza e o resultado não-desejada e muitas outras possibilidades que fazem parte de todo processo de criação.

O professor precisa compreender a multiplicidade de situações-problema que podem ocorrer das mais diversas e se apresentam a cada aluno em particular, segundo seu nível de competência e as determinações internas e externas de um momento singular de criação, dentro do seu processo de aprender a realizar formas artísticas.

A aprendizagem dos alunos também pode se dar por meio de uma outra classe de problemas, inerente às propostas feitas pelo professor, que caracterizam uma intervenção fundamentada em questionamentos como parte

da atividade didática. Tal intervenção pode ocorrer em vários aspectos dessa atividade, antes e durante o processo de criação artística dos alunos e também durante o processo de criação artística dos alunos e também durante as atividades de apreciação de obras de arte e de reflexão sobre artistas e outras questões relativas aos produtos artísticos. É importante esclarecer que a qualidade dessa intervenção depende da experiência que o professor tem, tanto em arte quanto de seu grupo alunos. É fundamental que o professor conheça, por experiência própria, as questões que podem ocorrer durante um processo de criação, saiba formular para si mesmo perguntas relativas ao conhecimento artístico e saiba observar seus alunos durante as atividades que realizam, para que esse conjunto de dados conduza suas intervenções e reflexões.

É nisso que reside a diferença entre uma intervenção mecânica, artificial, “programado”, ou que visa apenas testar o nível de conhecimento imediato dos alunos, que é, enfim, fruto da aplicação de uma técnica que por si mesma orienta o trabalho dos alunos para a vivência de problemas e um outro tipo de interferência que leva em consideração o conjunto de dados, fazendo parte, portanto, da interação entre o professor e seus alunos na produção de um conhecimento vivo e significativo para ambos.

A intervenção do professor abarca diferentes aspectos da ação pedagógica e caracteriza-se como atividade criadora, tendo como princípio que ele é antes de tudo um educador que intencionalmente cria, sente, pensa e transforma.

CAPÍTULO IV

INTERVENÇÃO DA ARTE NA PROMOÇÃO DA APRENDIZAGEM

Sabe-se que a adolescência é uma passagem de transição do indivíduo, repleta de conflitos, transformações, questionamentos e autodefinição.

Segundo Palácios (1985), a adolescência é como costumamos dizer uma etapa que se estende, a grosso modo de 12-13 anos até aproximadamente 20 anos, etapa essa de transição, pela qual não se é mais criança, mais ainda não se tem **status** de adulto.

É na adolescência que a porta abre para um mundo novo, trazendo consigo importantes e profundas mudanças, não apenas na própria imagem do indivíduo e na maneira de interagir com seus iguais e com as demais pessoas, mas se estende a novas formas de pensamento.

Carretero (1984), fazendo uma leitura inhelderiana e piagetiana, afirmam que há mais de três décadas apresentaram uma das caracterizações mais precisas até essa data, a do desenvolvimento cognitivo durante a adolescência. No trabalho foram expostas características da nova fase das operações formais, que emerge entre os 11-12 anos e se consolida, de acordo com o exposto dessa obra, pelos 14-15anos, sobre a base das operações concretas já presentes.

Além das demais, Inhelder & Piaget (1955) estabelecem outra característica da fase adolescência: os esquemas operacionais formais, pelos quais o adolescente representa seu conhecimento, como resposta da interação da nova informação com a experiência própria. Esse esquema é compreendido como um processo interno, organizado e não necessariamente consciente, repousa sobre a antiga informação já armazenada em mente. Constituindo para Piaget a unidade básica, através da qual representamos nosso conhecimento, que vai se modificando paulatinamente, em contato com nossa experiência.

Para Carretero (1982), as operações formais são, fundamentalmente, um conjunto de estratégias que permitem ao aluno mudar conceitos abstratos e resolver problema concretos.

A adolescência é um momento chave e também crítico na formação da identidade. É na adolescência que segundo Erikson (1995), o indivíduo atinge a gênese da identidade, esse ponto de maturação que permite viver em sociedade e relacionar-se com os demais, como pessoa psicossocialmente sadia ou madura.

López, (1983), define socialização como um processo interativo, indispensável à criança e ao grupo social de origem, pelo qual a criança satisfaz suas necessidades e assimila a cultura ao mesmo tempo em que, reciprocamente, a sociedade se eterniza e desenvolve.

Do ponto de vista dessas afirmações, pode-se deduzir que as estratégias são conhecimentos de intervenção que agem de forma direta de assimilação e apreensão do ensino-aprendizagem durante a adolescência quando ofertadas ou apresentadas de maneira diferenciada de seu cotidiano, e a arte se encaixa como complemento dessa aprendizagem.

A arte tem um papel fundamental no desenvolvimento do indivíduo, porque é através dela que surge a motivação, a elevação da auto-estima, reflexão sobre o autoconceito e realização nas aprendizagens básicas que serão necessárias para o desenvolvimento autônomo dentro da sociedade.

As linguagens artísticas são um contexto de socialização especialmente e relevante para a criança adolescente, a escola é por excelência, a instituição encarregada da transmissão dos conhecimentos e valores da cultura, se o conteúdo das atividades realizadas na escola forem significativo para a criança adolescente, as suas conseqüências práticas são bastante imediatas (aprendizagem a curto prazo).

Além disso, a aprendizagem da criança adolescente na arte ocorre em estreita relação com as pessoas que fazem parte de seu círculo mais imediato.

As práticas de ensino de Arte apresentam níveis de qualidade bem diversificadas no Brasil, pois cada região tem uma cultura diferente, as intervenções (conhecimentos) de arte, podem ser aplicadas de várias maneiras, sendo introduzidas nas disciplinas de geografia com a música, dança, poesia, pintura, artesanato, artes audiovisuais; história com o teatro, literatura, música, dança, artesanato, pintura, artes audiovisuais; literatura com artes cênicas, poesia, música, dança, e etc; matemática com música e dança; de línguas com música, atuando na interdisciplinaridade, um bom profissional tem a capacidade de atuar na interdisciplinaridade sem interferir no planejamento e nas aulas do titular da disciplina utilizada.

Uma atividade experienciada numa Escola de Ensino Médio, sobre a semana cultural, observou-se o empenho, satisfação, equilíbrio, amizade, interação, socialização e autonomia dos alunos, do desenvolvimento do trabalho em grupo, com ajuda de um orientador educador responsável pela equipe.

Na mostra foram vivenciadas todas as linguagens artísticas, a pluralidade de representações, pois a manifestação artística tem em comum com as outras áreas de conhecimento, um caráter de busca de sentido, criação, inovação, especialmente pela ação do criador, em qualquer das formas de conhecimento humano, ou em suas conexões, o homem estrutura e organiza o mundo, em um constante processo de transformação de si e da realidade circundante.

Tanto a ciência como a arte responde a essa necessidade de busca de significação na construção de objetos de conhecimento que juntamente com as relações sociais, políticas, econômicas, sistemas filosóficos, éticos e estéticos, formam o conjunto de manifestações simbólicas das culturas.

Duarte Jr. (1988), relata que através da imaginação o homem constrói o seu mundo: sua filosofia, sua ciência, sua arte, sua religião. Na filosofia e na ciência a imaginação se autodisciplina, criando normas para que a razão possa produzir de maneira mais eficaz. Enquanto na religião e na arte a imaginação salta o muro que separa o plausível do imponderável. A arte é primordialmente; a concretização dos sentimentos (não acessíveis à linguagem) em formas expressivas. Quando o indivíduo está envolvido com a arte, explora a região anterior ao pensamento, onde acontece o primeiro encontro com o mundo. A maneira discursiva da linguagem toma este encontro e o fragmenta em conceitos e relações. A forma não-discursiva na arte tem uma função diferente, a saber, articular conhecimentos que não podem ser expressivamente porque ela se refere a experiências que não são formalmente acessíveis à projeção discursiva. Tais experiências são os ritmos da vida, orgânica, emocional e mental (o ritmo da atenção é o elo interessante entre todos eles), que não são simplesmente periódicos, mas infinitamente complexos e sensíveis a todo tipo de influência.

CONCLUSÃO

Ao finalizar esta pesquisa bibliográfica constata-se que ela foi de grande importância, para ampliação do meu conhecimento em relação à arte e sua história no ensino brasileiro. Mostra o uso profissional da arte e educação com estratégia de intervenção psicopedagógica.

Apesar de considerar as dificuldades do ensino nas escolas públicas leva-se à reflexão do porquê das escolas públicas não ensinarem artes propriamente dita. Aponta o fato de que utiliza-se a disciplina arte-educação para ensinar apenas literatura e redação.

Percebe-se que a arte-educação até os nossos dias não é utilizada como estratégia de aprendizagem em várias áreas. O professor de educação física além de suas práticas pedagógicas esportivas é o único que pode trabalhar com essa prática dentro da escola, utilizando as linguagens artísticas (dança, teatro) , e não é exigido para essa prática, só a realiza quando sabe e deseja ou se a escola contratar profissional especializado na referida prática, o que não acontece.

Não adianta existirem leis, se não são cumpridas e nem fiscalizadas. Supõe-se que é por isso que os nossos jovens utilitários dessa aprendizagem, em geral não têm uma boa melhoria social, são marginalizados indiretamente, pelos próprios gestores, e ou uma instância maior.

A conclusão deste estudo, baseados em teorias científica confirma os benefícios da arte no processo de ensino-aprendizagem, no comportamento social e desenvolvimento psicossocial do aluno, sua motivação, formação do autoconceito, percepção e desenvolvimento cognitivo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, G. Educação Artística. São Paulo: Editora Ática, 1980.
- BESSA, M. Artes Plásticas entre as crianças. 1ª Edição, Rio de Janeiro, 1969.
- BEE, H. A criança em desenvolvimento, 9ª. Edição, Porto Alegre: ARTMED Editora, 2003, p. 46, 53.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: arte. Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1998, p. 29, 88.
- BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio: Linguagens, códigos e suas tecnologias/ Ministério da Educação – Brasília: Ministério da Educação Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 1999.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: arte. Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 2000.
- CAMPOS, D. M. Psicologia da aprendizagem, 16ª Edição, Petrópolis, Rio de Janeiro, Editora Vozes, 1984.
- CARRETERO, M., Psicologia evolutiva. Vol. I. Porto Alegre. Artes Médicas, 1995. « Presentación a la edición em castellano de A. Giordan », La enseñanza de las ciencias. Madrid: Siglo XXI, 1982.
- CARRETERO, M., Psicologia evolutiva. Vol. I. Porto Alegre. Artes Médicas, 1995. « De la larga distancia que separa la suposición de la certeza ». Em M. Carretero e J. A. Madruga (comps.), Lesturas de psicología Del pensamiento. Madrid: Alianza Editorial, 1984.
- CEARÁ, Secretaria de Educação do Estado do - Leis Básicas da Educação. 1ª Edição, Ceará, 1997.
- CEARÁ, Secretaria de Educação do Estado do - Boletim Técnico Pedagógico nº 15, 1981.

- CEARÁ, Secretaria de Educação do Estado do – Currículo do 1º grau, Volume I, 1973.
- CREEDI, J. O contexto social da arte. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1975.
- DEMO, P. Relevância da dimensão cultural para a política social, Apostila, 1982, p. 85.
- DUARTE JR., J. F. “Como a arte educa?”. Fundamentos estéticos da educação. Campinas – SP. Editora Papirus, 1988.
- ELIAS, M. D. C. Céltin Freinet. Uma pedagogia de atividade e cooperação. 6ª Edição. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.
- FREIRE, P. Cuidado Escola, 7ª Edição, São Paulo, Editora Brasiliense, 1982.
- FREIRE, P. Educação como prática da liberdade, 11ª Edição, Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1980, p.32.
- GAGNÉ, R. M. Como se realiza a aprendizagem, Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos, 1974.
- GARDNER, H. As artes e desenvolvimento humano: um estudo psicológico: artístico, Porto Alegre: Artes Médicas, 1997, p. 49, 309.
- GARDNER, H. Arte, Mente e cérebro: uma abordagem cognitiva da criatividade, Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999, p. 25, 105.
- INHELDER, B & PIAGET, J. Psicologia evolutiva. Vol. I. Porto Alegre. Artes Médicas, 1995. De la logique de l'enfant à la logique de l'adolescent. Paris: P.U.F. 1955.
- LÓPEZ, F. Psicologia evolutiva. Vol. I Porto Alegre. Artes Médicas, 1995. Em A. Marchesi; Carretero e J. Palácios (comps). Vol. I: Teorias y Métodos Madrid: Alianza Editorial, 1983.
- MOULY, G. J. Psicologia educacional, 5ª Edição, São Paulo, Pioneira, 1973.
- NEGRINE, A. A aprendizagem & desenvolvimento infantil 2 – perspectiva psicopedagógicas. Porto Alegre: PRODIL, 1994.
- NEILL, A. S. Liberdade sem medo (summerhill), 6ª Edição, São Paulo, Ibrasa, 1968, p. 355.

- PALÁCIOS, J. e MARCHESI, A. Psicologia evolutiva Vol. 3: Adolescência, Madurez y Senectud. Madrid Alianza Editorial, 1985.
- PIAGET, J. Psicologia evolutiva. Vol. I. Porto Alegre. Artes Médicas, 1995.< L'évolution intellectuelle entre l'adolescent et l'âge adulte >. Rapport sur le III Congrès international FONEME sur La formation humaine de l'adolescence à la maturité, Milão, 1970.
- PICQ, L. & VAYER, P. Educación psicomotriz y retraso mental. 3ª. Edição, Barcelona, Espanha, Editorial Científico-Médica, 1969, XI + 274 p.
- PILETTI, N. Psicologia educacional. 9ª Edição, São Paulo. Editora Ática, 1991.
- SAWREY, J.M. & TELFORD, C. W. Psicologia educacional. 2ª Edição Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos, 1979.
- SOUSA, P.N.P. – Idéias em debate, o Estado de São Paulo, 1983, p. 45.
- VII Congresso Brasileiro de Orientação Educacional. São Paulo. 1986.
- VYGOTSKY, L.. Pensamento e Linguagem. São Paulo: Martins Fontes. 1991a, 101.